

# Os trabalhos de Luciano Freire por ele próprio: Nota introdutória à edição de um relatório de um restaurador de pintura do início do século XX

*The works of Luciano Freire by himself:*

*Introductory note to the edition of a report by a paintings  
restorer from the beginning of the 20th century*

José Alberto Seabra Carvalho

Museu Nacional de Arte Antiga, Rua das Janelas Verdes, 1249-017 Lisboa, Portugal

## Resumo

É editado um documento mal conhecido mas fundamental para a história do restauro em Portugal: o relatório que Luciano Freire elaborou acerca das intervenções de conservação e restauro que efectuou entre 1911 e 1933. Esse trabalho envolveu um total de mais de três centenas de pinturas, de produção portuguesa ou estrangeira, na sua maioria pertencentes à colecção do Museu Nacional de Arte Antiga e cronologicamente situadas entre os séculos XV e XIX. O texto de Luciano Freire proporciona informações valiosas no domínio da história material das obras a que se refere, constituindo uma peça central para o conhecimento das concepções e processos de restauro de pintura antiga nos inícios do século passado.

## Palavras-chave

Restauro; Conservação; Pintura; Repinte; Retoque; Portugal.

## Abstract

A not well known but fundamental text for the historical study of restoration in Portugal is published here for the first time: a report written by Luciano Freire about the restorations carried out by him between 1911 and 1933. This work concerned over three hundred paintings of Portuguese and foreign origin, dated from 15th to 19th centuries and belonging mostly to the Museu Nacional de Arte Antiga. Luciano Freire's report gives valuable information about the material history of the paintings treated by him and contributes for a better insight into the conception and procedure methodologies that were carried out during the restoration of old master paintings in the early 20th century.

## Keywords

Restoration; Conservation; Painting; Overpainting; Inpainting; Portugal.



Fig. 1 José de Figueiredo e Luciano Freire no atelier do edifício da Academia de Belas Artes de Lisboa.

Uma curiosa fotografia (Fig. 1), tirada cerca de 1920 no atelier de Luciano Freire às Belas Artes de Lisboa, presta-se à evocação da unidade de acção (hoje dir-se-ia “espírito de equipa”) e também das idiossincrasias individuais (de “carácter”) de dois grandes protagonistas da história de arte, do restauro e dos museus no início do século passado. Nesta imagem, o espaço do atelier é amplo mas eles estão juntos, a proximidade supondo o hábito de uma convivência, que a pose algo descontraída acentua, e ambas as figuras inscrevem-se bem no ambiente que as envolve; este é um lugar da Pintura e ambos parecem apropriá-lo como seu. A proximidade não ilude, contudo, a reserva de uma subtil diferenciação e distanciamento, reflectida na atitude contrastante de cada um deles. José de Figueiredo coloca-se ao centro e olha directamente a objectiva, a sua pose é “activa”, atenta à instantaneidade da ocasião e habituada ao retrato académico e mundano. Freire, pelo contrário, alheia-se desse foco interpelante, parece olhar apenas, com algu-

ma melancolia, a luz do pátio exterior e o “tempo” da sua pose é bem mais longo e natural. Assume-se como uma figura da composição, inscrita na linha diagonal que vem do cavalete e é quase simétrica com a da parte superior de uma *Adoração dos Magos* da Madre de Deus, pintura disposta na parede de fundo do atelier. Figueiredo “mostra-se” como um recém-chegado, por assim dizer, e Freire “está”.

Segundo João Couto, que em 1938 sucedeu a José de Figueiredo na direcção do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), “Mestre Luciano Freire e o Dr. José de Figueiredo eram duas figuras que se pareciam, não no aspecto físico ou no carácter, pois eram bastante diferentes um do outro, mas devido à função, pois ambos eram grandes artistas, tinham o mesmo amor pela pintura antiga e as suas obras completavam-se” [1]. A observação, se aparenta alguma bonomia, parece-me todavia muito ajustada. Como já escrevi noutro lado [2], o primeiro grande projecto de estreita cooperação entre estes dois personagens iniciou um percurso “criativo” complementar de ambos e esse percurso foi absolutamente fundamental para a revelação, conservação e teorização histórica da pintura antiga em Portugal. De facto, o tratamento dos Painéis de S. Vicente iniciado por Luciano Freire em 1909, mais o livro sobre Nuno Gonçalves que Figueiredo escreveu e editou, no ano seguinte, e a sequente centralidade de exposição do políptico no MNAA, foram contexto e processo de invenção, nesse tempo, de dois esteios fundamentais para a fortuna crítica e o destino material do património de pintura antiga em Portugal. Um deles foi a afirmada ideia (ideia “refundadora”, depois da falência do mito historiográfico do “Grão-Vasco”) da existência de uma “Escola portuguesa de pintura”, cuja identidade se entendia nobremente assente na originalidade e transcendência dos recém-descobertos Painéis quatrocentistas, continuada e solidificada, logo após, nas grandes obras retabulares portuguesas da primeira metade do século XVI. O outro consistiu na estruturação, esta verdadeiramente fundadora, no atelier de Luciano Freire, de uma atitude e competência profissionais no trabalho de restauro em pintura no nosso país, logrando desvendar, aos olhos dos contemporâneos, os esplendores dessa antiga “Escola” e também do melhor acervo de pintura europeia do MNAA.

Luciano Martins Freire (1864-1934) – sobre quem recentemente Sandra Leandro ensaiou um excelente contributo biográfico [3] – era, por vocação e formação, um pintor. Terminou o curso de Belas Artes em 1886 e, embora tencionasse “fazer ‘gestos franciscanos’ à Academia logo que me pudesse libertar do seu jugo” [4], acabaria por aí leccionar desde 1896 e ser eleito secretário da instituição quatro anos depois. O seu interesse pelo restauro despertara entretanto, desde os tempos de estudante, como ele próprio afirma em memorável prosa:

*“Ensaaios em ‘anima vil’ deram ocasião a certificar-me de quaes os meios mais inofensivos para a reintegração das obras de pintura no seu estado primitivo, sempre que sob repintados e vernizes enegrecidos, fosse encontrada intacta, ou que, pelo menos, as avarias se não apresentem muito importantes. Não foi alheio ao caso o facto de ao iniciar o meu curso de pintura, e quando realizava, como era da praxe, algumas copias de quadros no Museu, então no período de instalação no palácio das Janelas Verdes, e já liberto da maioria das preciosidades que ali tinham sido agrupadas por ocasião da exposição de Arte Ornamental Luso-Espanhola, o ter bisbilhotado o que lá se ia passando. Primeiro estranhei a maneira como se estava elaborando o catalogo, que logo me pareceu que não era cousa para se fazer assim à laia de quem fazia um rol de roupa para a lavadeira. Também me impressionou de maneira estranha o que se ia fazendo em matéria de restauro. Primeiro foi um espanhol, que pelo nome não perca, a quem o Conde de Almedina quis, por seu livre alvedrio, encarregar desses trabalhos. Depois foi o Greno o que continuou essa obra. Este, porem, era ao menos cauteloso, e se não fosse estúpido poderia ter sido uma utilidade nesse campo do tratamento de quadros. O seu trabalho não prejudicou nenhuma das poucas obras que lhe caíram nas mãos. Nos retoques é que ele falhava de todo, mas como foi fácil eliminal-os, sem que d’ái resultasse prejuízo para a obra de arte, ficou perdoado. O outro, esse limpava os quadros como quem limpa casarolas de cobre. Ficaram vestígios indeleveis da sua incompetência” [4, início do cap.VI].*

A empreitada dos Painéis, entrados no seu atelier em 1909, e o seu ingresso, logo no ano seguinte, numa selecta Comissão de Inventário e Beneficiação da Pintura Antiga em Portugal - ou, dito de outro modo, e mais incisivamente, o cruzamento do seu destino com José de Figueiredo - marcaram, irreversivelmente, a mudança de

Luciano Freire de uma incipiente carreira de pintor para o território do restauro e dos museus.

Nomeado director do Museu dos Coches em 1911, desempenhou durante muitos anos um papel importante na direcção do de Arte Antiga, substituindo Figueiredo sempre que este estava ausente – o que sucedia amiúde e por períodos às vezes longos. O seu trabalho principal e mais absorvente desenrolava-se entretanto no atelier de restauro, por aí passando, ao longo de anos sucessivos, centenas de peças do nosso património pictural, muitas provenientes de espólios conventuais e eclesiásticos, outras ainda recentemente incorporadas no MNAA a partir de acervos das colecções reais (palácios da Ajuda e das Necessidades).

O essencial desse trabalho intenso (e mal remunerado), desenvolvido no atelier de que a foto nos dá um aspecto, ficou descrito pelo próprio Freire num documento que nunca fora editado, conservando-se na forma de dois exemplares dactilografados existentes nos arquivos documentais do MNAA e do agora denominado Laboratório José de Figueiredo. A capa do exemplar do Laboratório José de Figueiredo inscreve, com letra de João Couto, a seguinte menção: “Foi-me entregue pelo Dr. José de Figueiredo em 10 de Fevereiro de 1934”, isto é, alguns dias após a morte de Luciano Freire, que ocorreria a 28 de Janeiro. Ambos os exemplares foram revistos por Luciano Freire, que neles introduziu modificações manuscritas, ora riscando ora acrescentando certas passagens do texto. O documento – que aliás contraria a redutora ideia de que “Freire restaurava e Figueiredo escrevia”, tal como a também contrariam as colaborações significativas que teve no *Arqueólogo Português* e na revista *Terra Portuguesa* – consiste essencialmente no relato das intervenções que ele realizou no período entre 1911 e 1933. Não se trata de uma compilação de relatórios de restauro de cada uma das pinturas em que trabalhou, é antes uma memória dos inúmeros “doentes” que passaram pela sua oficina, sendo o relato e as considerações de Freire mais ou menos desenvolvidos conforme os casos e as conjunturas em que a sua intervenção ocorreu. A economia do discurso é, aliás, descontínua, articulando-se anualmente de um modo explícito até 1922 e, a partir daí, deixando de fazer referência clara à sucessão cronológica dos trabalhos.

Intitulado “Elementos para um relatório acerca do tratamento da pintura antiga em Portugal, segundo notas

tomadas no período de execução desses trabalhos”, é uma fonte documental de especial importância para o estudo da história material de destacadas peças do património pictural do país e fica agora disponível a historiadores, conservadores-restauradores, museólogos e curiosos de antiguidades numa edição apoiada por notas e índices que visam uma eficaz utilização informativa do seu conteúdo.

## ■ Critérios de Edição

Nesta edição mantém-se a grafia original e a menção a cada uma das peças é acompanhada por um número de ordem entre {}, de modo a individualizá-las e a facilitar a consulta através dos índices e de referências remissivas em notas. Esse sistema de numeração já constava dos dois exemplares dactilografados do documento, embora não deva atribuir-se a Luciano Freire. Por isso, a presente edição corrigiu alguns erros de numeração detectáveis entre as pinturas {256} e {270}.

As notas ao texto pretendem fundamentalmente esclarecer a identidade das obras, desde logo através de um número de inventário, não desenvolvendo aspectos da sua historiografia, nomeadamente no que se refere a atribuições autorais que continuem controversas ou mal averiguadas. A indicação, em notas, da situação actual das pinturas pertencentes à colecção do MNAA (em exposição, em reserva, em depósito, etc.) é complementar e refere-se a Setembro de 2007, apenas visando facilitar a identificação das peças.

As imagens, quase todas inéditas, que ilustram o texto são provas existentes no arquivo do MNAA e da autoria do fotógrafo João Coutinho. Embora os clichés de Coutinho se tenham perdido num incêndio, salvou-se um certo número de provas que ficou na posse de Luciano Freire passando depois para aquele arquivo [2]. Documentam o estado de algumas pinturas antes da intervenção relatada pelo mestre restaurador.

## ■ Referências

- 1 Couto, J., 'Luciano Freire', *Ocidente*, 66 (1964) 233.
- 2 Carvalho, J. A. S., 'Pinturas antes do restauro. Provas fotográficas do

espólio de Luciano Freire', in *40 anos do Instituto José de Figueiredo*, ed. R. F. Silva, N. Escobar, A. Pais, IPCR, Lisboa (2007) 97-117.

- 3 Leandro, S., 'O mito do recriador: Luciano Freire e os trabalhos de conservação e restauro da 'Pintura Antiga' in *40 anos do Instituto José de Figueiredo*, ed. R. F. Silva, N. Escobar, A. Pais, IPCR, Lisboa (2007) 65-81.
- 4 Freire, L., 'Memórias', manuscrito incompleto, não publicado, Arquivo do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.